

APRESENTAÇÃO

LINGUAGEM, NARRATIVAS E SUBJETIVIDADES

Leticia Fonseca Richthofen de Freitas¹
(org.)

“Mi narración individual tiene sentido ante todo como recuerdo colectivo”.
(BRAH, 2011, p.33)

“Linguagem, narrativas e subjetividades” constitui um eixo bastante amplo, e possibilita que se aborde a pesquisa narrativa a partir das mais diversas perspectivas. Ao apresentar a proposta abrangente deste dossiê, buscava-se justamente congrega uma multiplicidade de temáticas, de fontes de pesquisa e de procedimentos de análise que englobam a pesquisa narrativa. Tal multiplicidade, entretanto, converge na produção de sentidos sobre o mundo social e nos modos de significação de si e do outro viabilizados por pesquisas desta natureza.

Os artigos que compõem este volume possibilitam um impregnar-se de sentido sobre o mundo que habitamos e que experimentamos, sobretudo nestes “tempos sombrios” (BRECHT, 1990) que vivemos, e nos convidam, por meio de algumas cartografias de trajetórias individuais, que carregam rastros do coletivo, a permanentemente construir e narrar histórias de luta, de resistência e de esperança.

O primeiro artigo, *Os espaçotempos da narrativa como construto teórico-metodológico na investigação em linguística aplicada*, se debruça sobre a discussão de alguns construtos teórico-metodológicos da pesquisa narrativa em Linguística Aplicada, sublinhando a natureza performativa das narrativas e sua importância para o entendimento da vida social. Também orientada pela concepção performativa da linguagem e da narrativa, o segundo artigo, *“Para de ter vergonha de ti e aceita o cabelo que tu tem”: performances narrativas de raça e gênero na Amazônia marajoara*, analisa, com base em performances narrativas de uma mulher negra marajoara, processos macrosociais implicados na construção do racismo estrutural.

Histórias de dor, de luta e de resistência são descritas e analisadas em um conjunto de artigos que congregam questões sobre relações étnico raciais e de gênero. Nesse sentido, somos instigados, no artigo *Histórias de luta convertidas em saberes de resistência na constituição de*

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Estágio de Pós-Doutorado em Educação (2008 e 2009) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e em Linguística Aplicada (2015) na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Professora Associada do Centro de Letras e Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas.

identidades quilombolas em Palmas, a aprender sobre os saberes de resistência que constituem a comunidade quilombola de Palmas a partir das narrativas que forjam sua identidade. Para nos auxiliar a pensar e a refletir sobre os processos de construção de identidades raciais desnaturalizando-as, um quadro conceitual com base em categorias como performatividade, iterabilidade, citacionalidade, entre outras é apresentado e discutido em *Por um quadro conceitual dos processos de construção da identidade racial*. Também inserido em discussões sobre questões raciais, “*Eu não tenho como te oferecer florzinha agora se eu recebi um monte de espinhozinho*” – narrativa, racismo cotidiano e trauma no contexto escolar apresenta a performance narrativa de uma mulher negra, rememorando experiências de trauma gerado em função do racismo cotidiano vivenciado no ambiente escolar e como essas experiências podem configurar resistências. A construção de sentidos pejorativos e discriminatórios envolvendo relações de gênero é analisada com base em performances narrativas presentes em reportagens sobre um caso amplamente divulgado nos meios de comunicação, “o caso Robinho”, no artigo *Análise de reportagens sobre o “caso Robinho” a partir dos construtos teórico-metodológicos de escalas, ordens indexicais e ordens de indexicalidade*.

As narrativas literárias também são um espaço significativo de construção de sentidos, e é nesta direção que se movimentam os dois artigos que seguem: com base em três *poetry slam*, em *Poesia contra o silenciamento: as narrativas de slammers brasileiros*, são analisadas narrativas de (re)construção coletiva de identidades, que problematizam, por exemplo, certas representações oficiais sobre a mulher e sobre a população negra e latino-americana. Já no artigo *Literatura, educação e relações étnico raciais: uma análise do conto “O Pecado” de Lima Barreto* são levantadas questões a respeito da condição do negro no Brasil, a partir daquilo que é salientado no conto em relação às violências raciais e sua repercussão nos dias de hoje.

O contexto escolar e o espaço educacional constituem uma vasta arena onde são produzidos e gestados os mais diversos significados. Em cada experiência individual de como nos tornamos o que somos - como estudantes, como docentes - reverberam significados de uma construção coletiva de entendimento de mundo. No artigo *Contexturas identitárias de docentes de línguas* são analisados alguns pontos de convergência existentes na constituição identitária de três docentes com base na visão que eles possuem de sua práxis, considerando a diversidade de elementos situados historicamente que concorrem para sua composição. Narrativas de alunos e de alunas sobre como são inseridas e utilizadas as Tecnologias de Informação e de Comunicação no ensino e como elas podem desencadear uma nova ordem de comunicação na sala de aula compõem a análise de *As novas tecnologias e o estabelecimento de uma nova ordem de comunicação em sala de aula*. O foco em *Discursos, subjetividades e formação docente: entre culturas da mídia e da memória* recai na análise dos efeitos discursivos de determinados artefatos culturais na divulgação e na constituição de posições de sujeitos da educação escolar.

Uma situação específica de ensino em uma turma de licenciatura durante a pandemia gerou uma reflexão que culminou na análise desenvolvida em *Sintaxe e pandemia: uma experiência de afeto na linguagem*. O texto em questão tem como foco discutir o papel da subjetividade envolvida no ato de narrar eventos particulares. O interesse nas potencialidades da produção de subjetividades por meio das narrativas também coloca a subjetividade como ponto fulcral do artigo *Encontro consigo e com o outro: tecendo subjetividades em narrativas de uma pesquisa formação na pandemia*. Com base em um ciclo de estudos criado durante a pandemia, foi possível descortinar todo um universo “simbólico-existencial” dos sujeitos envolvidos, possibilitado pela produção narrativa de sentidos sobre a vida e sobre a realidade construída por eles. Em *Narrativas como ferramentas de mediação para o desenvolvimento de conceitos*, um experimento utilizando narrativas como uma ferramenta mediadora possibilitou que um grupo de alunos e de professores dessem

sentido a conceitos desenvolvidos em uma disciplina de um curso de Licenciatura em Letras e refletissem sobre sua aprendizagem.

A experiência da migração também estabelece um campo fértil para produção de sentidos narrativos múltiplos, difusos e multifacetados. Destacamos aqui três artigos que versam sobre a migração: *Fios narrativos da experiência de um estudante estrangeiro* investiga que efeitos são produzidos na vida e na subjetividade de um universitário a sua vivência como estudante em Coimbra (Portugal). A migração provoca, muitas vezes, a constituição de identidades fluidas e híbridas, conforme narra o estudante em questão. Problematizar o modo de entendimento de si e dos outros também é um ponto crucial que a vivência da migração ocasiona. Nesse sentido, *De migrantes a cidadãos do mundo: narrativas de vida de brasileiros no continente europeu* examina as representações de mundo, de si e do outro trazidas pelas narrativas de três brasileiros que vivem atualmente no continente europeu. A representação discursiva de migrantes chineses é o enfoque do último artigo que compõe este número, *Migrantes chineses: identidades expressas em discurso refratado*. Com base em narrativas oriundas de entrevistas com três professores de idiomas, um chinês e dois brasileiros, investigou-se quais são suas perspectivas identitárias.

Por fim, cabe uma palavra sobre o fato de que não se poderia supor, ao gestar a proposta deste dossiê, que enfrentaríamos uma longa e dolorosa pandemia, que impactaria tanto nossas vidas e nossas subjetividades. Mais do que nunca, neste contexto, é necessário que mais e mais histórias sejam contadas, divulgadas e publicizadas, a fim de que as narrativas de dor, de luta, de enfrentamento e de superação possam assegurar que uma multiplicidade de sentidos seja produzida, sobretudo por aqueles que não têm voz e que sofrem com as iniquidades forjadas em nossa sociedade. Nesse sentido, a pesquisa narrativa pode contribuir “criando inteligibilidades” (MOITA LOPES, 2006) a respeito das práticas de significação e dos sentidos que recorrentemente criamos.

Referências

- BRAH, Avtar. *Cartografias de la diáspora: identidades en cuestión*. Madri: Traficantes de Suenos/Mapas, 2011.
- BRECHT, Bertolt. *Poemas*. 1913-1956. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990. Tradução de Paulo Cezar de Souza
- MOITA LOPES, Luiz Paulo. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.